

Casa e casamento no Antigo Testamento

Seminário da Faculdade de Teologia
(1º semestre de 2002)

Erhard S. Gerstenberger

Resumo

Este artigo é a síntese dos resultados de um seminário oferecido na EST durante o 1º semestre de 2002. Ele estuda as relações matrimoniais e familiares como se apresentavam e eram vividas na época bíblica. São abordadas, sobretudo, as funções religiosas, sociais e educativas, as cerimônias e as relações conjugais vinculadas à família. Em debate estão os resultados da ciência bíblica sobre esses assuntos, que se mostram até hoje ainda bastante controvertidos. Por fim, procura-se argumentos para fundamentar novas formas de convivência matrimonial e familiar no mundo moderno. O respaldo bíblico para essa busca é dado, em especial, pelo fato de a Bíblia ser flexível em relação a modelos de convivência, não absolutizando nenhum dos diferentes tipos de relacionamentos. O que importa é, portanto, não absolutizar também hoje certos modelos de parceria, mas procurar vivenciá-los de tal maneira que possam expressar e refletir algo do amor divino em nosso meio.

Resumen

El artículo es la síntesis de los resultados de un seminario ofrecido en la EST durante el primer semestre del año 2002. El estudia las relaciones matrimoniales y familiares, como son presentadas y fueron vividas en la época bíblica. Son abordadas, sobretudo, las funciones religiosas, sociales y educativas, las ceremonias y las relaciones conyugales vinculadas a la familia. En debate están los resultados de la ciencia bíblica sobre estos asuntos, que se muestran hasta hoy, bastante controvertidos. Finalmente se procuran argumentos para fundamentar nuevas formas de convivencia matrimonial y familiar en el mundo moderno. El respaldo bíblico para esta búsqueda es dado, en especial, por el hecho de la Biblia ser flexible en relación a modelos de convivencia, pues no absolutiza ninguno de los diferentes tipos de relaciones. Lo que nos importa es, por tanto, que no absoluticemos también hoy ciertos modelos de parceria, y sí procuremos vivenciarlos de tal manera, que puedan expresar y reflejar algo del amor divino en nuestro medio.

Abstract

The article is a synthesis of the results of a seminar that was offered at EST during the 1st semester of 2002. It deals with the marriage and family relationships as presented and experienced in the Biblical era. The religious, social and educational functions, the ceremonies and conjugal relationships connected with the family are the main subjects dealt with. In debate are the results of biblical science on these issues which up through today are still quite controversial. At the end, arguments are sought on which to base new forms of marital and family living in the modern world. Biblical support for this quest is given, especially because the Bible is flexible in relation to models of living together, and does not absolutize any of the different types of relationships. What matters, therefore, is to also not absolutize certain partner models today, but seek to live out the relationships in such a way so as to express and reflect some of the divine love in our midst.

1 - Introdução

Este seminário, que já foi oferecido uma vez para estudantes da EST em 1998, aborda a temática da família e das relações de parceria dentro dela. Por que a temática da vida familiar parece tão atraente? As mudanças no mundo moderno, dos modos de viver, trabalhar, se relacionar, são rápidas e profundas. Põem em dúvida também a organização social e os valores éticos herdados do passado. Temos que perguntar continuamente: quais as raízes das estruturas tradicionais? Como elas se desenvolveram ao longo dos séculos? Qual a situação alterada de hoje? Temos que desenvolver e admitir novas formas de convivência íntima mais condzentes com as condições atuais modernas e pós-modernas? (Não

somos mais nômadãs de estepes orientais nem – na maioria dos casos – gente da roça pré-industrial). Estas são, ao mesmo tempo, questões altamente teológicas: como entender a vontade de Deus em meio a todos os transtornos da época moderna? O que nos dizem os testemunhos bíblicos a respeito do matrimônio e das configurações sociais e econômicas?

[O seminário contou com 15 participantes. Trabalhamos em pequenos grupos. Cada um escolheu um dos temas importantes, sem que esgotássemos a lista dos problemas propostos. Eis a relação das apresentações: Casamento – contrato entre famílias (Fabiani e Gilson); Casamento – ritos, festas, cerimônias (Juliano e Fabiano); O culto doméstico (Luis e

Vilson); Pais e filhos – a educação em casa (Marlei, Elaine e Lirian); Relação entre homem e mulher (Ana Isa e Paula); A família na sociedade (Lu-

ceny e Scharles); O amigo da família e o *goel* (Alberto); Mudanças da família (Jorge).]

2 - Síntese dos assuntos tratados

2.1 - Mudanças e rupturas na sociedade

O fato mais importante de qualquer análise sociológica, mas também, de certo modo, da reflexão teológica parece ser a transformação permanente do mundo humano. Não há, enquanto vivemos nesta terra, instituições ou palavras eternas, imutáveis. Tudo está em fluxo, cada vez mais acelerado; as crianças normalmente têm outras perspectivas de vida do que os pais. E nós mesmos estamos nos transformando durante as nossas vidas. As estruturas sociais sofreram profundas mudanças e rupturas com a chegada da época industrial. As ciências e a tecnologia começaram a revolucionar a vida inteira, exercendo grande influência também sobre o nosso modo de pensar e crer (cf., p. ex., os conceitos modernos de cosmo, natureza, história, pessoa humana; de sentido da vida, pecado, felicidade, liberdade, etc.). As estruturas e os valores do grupo íntimo da sociedade não escaparam a tais transtornos.

2.2 - Estruturas familiares

A família no Oriente Médio antigo costuma ser descrita como “patrilinial, patrilocal e patriarcal”. Isto significa: a linha paternal determinava a existência do grupo íntimo de convivência. Normalmente (contra a previsão de Gn 2.24!) a mulher saía de sua casa paterna para morar com a família do marido (cf. Gn 24.45-61; 31, etc.). Às vezes, o marido é denominado de “dono” da esposa. O noivo tinha que pagar uma quantia (ou prestar serviços substitutivos) ao pai da noiva (em hebraico: *mohar*). No entanto, esse dinheiro permanecia na casa do sogro para servir como segurança: a mulher podia ser demitida ou podia se tornar viúva sem filhos, e então voltava à casa dos seus pais. Temos também notícias de que noivas receberam dotes dos pais. Tais verbas ficavam sob a custódia do marido, mas legalmente eram posse da mulher, como mostram textos do Oriente Médio (da Babilônia, etc.). As crianças estavam sujeitas à autoridade paternal e maternal. Entre os membros da família contavam paren-

tes, escravos ou escravas e visitas permanentes, que conviviam na casa e participavam do trabalho cotidiano. Calculamos, hoje, que o número de pessoas que pertenciam a uma família variava entre 5 e 20, conforme a situação histórica e particular. Nas sociedades industriais da nossa época, as unidades familiares têm um número bem reduzido de membros, em média de 2 a 5 pessoas. – O homem podia casar com mais mulheres e concubinas; apenas no fim do período vétero-testamentário encontramos uma exortação a ficar com a única “mulher da juventude” (MI 2.13-16).

2.3 - As funções familiares

A família era a entidade básica da vida, em termos econômicos, culturais, espirituais, emocionais, etc., de modo que mal se podia imaginar uma vida isolada de um indivíduo só. O isolamento do grupo vivencial quase significava ter que morrer de fome (cf. 1Sm 22.2). Em nossos dias, muito ao contrário, a sociedade é em grande parte construída sobre o princípio da autonomia individual. Na sua maioria, as famílias israelitas viviam como agricultores e pastores em uma região montanhosa hoje chamada de “Palestina”, que oferecia poucas áreas bem abastecidas com água. Mantinham-se com o trabalho em conjunto, envolvendo todos os membros da família desde pequenos, cada um con-

forme as suas habilidades. Mudanças nessa vida bucólica já começaram a aparecer com o surgimento de cidades maiores e com a instalação dos reinados e de sua burocracia (impostos, trabalho forçado para o rei; cf. 1 Rs 5; 9.15; 11.26-28). A família urbana já praticava profissões diversificadas, artesanais e comerciais, administrativas e militares. Começava também o intercâmbio comercial mediado por prata, e pouco depois com dinheiro. Essa situação geral perdurou em nossa civilização ocidental praticamente até o século 18 d.C., e em muitos países além disso. A maioria das pessoas vivia da roça e dos rebanhos, quase subsistindo por conta própria. Uma minoria experimentava a vida urbana com as suas ofertas diferentes de cultura, luxo, ciência, tecnologia. A partir daí se deram mudanças significativas em costumes, hábitos e na vida relacional, ética, jurídica.

2.4 - Cerimônias familiares

Hoje em dia ainda conhecemos e apreciamos os encontros de família. Na Antigüidade eles eram pontos altos da vida, de importância superior a outros deveres (cf. 1Sm 20.6,29). Especialmente os “ritos de passagem” (circuncisão; casamento; atos fúnebres) eram grandes eventos na vida dos israelitas antigos. Festejava-se uma semana inteira, com boas refeições e bebidas, música e dança.

Sacrificavam-se animais enquanto ainda não era proibido (cf. Dt 12). O casamento, no caso, culminava a interação de duas famílias com a finalidade de estabelecer laços de parentesco entre si. Normalmente eram os pais e mães que negociavam o noivado do casal, às vezes muito cedo na vida dos futuros esposos (hoje esse procedimento é muito comum ainda em países árabes). Quando chegava a época de consumir a vida conjugal, havia ritos de entrega da noiva, de declaração em público de “Tu és a minha esposa” e “Tu és o meu esposo” (as fórmulas variam) e do primeiro encontro sexual numa tenda escura (cf. Gn 29.22-25). Como sinal de que a noiva tinha mantido a virgindade, o lençol manchado de sangue da cama nupcial era retirado pelos pais da moça (cf. Dt 22.13-19; ainda hoje isso é costume em países do Oriente Médio). Não havia, até a Idade Média da nossa era, ritos explicitamente religiosos de casamento. – Os nossos costumes são parcialmente diferentes daqueles dos nossos antepassados. A maior diferença, no fundo, reside na convicção de que os sexos são completamente iguais no que diz respeito aos direitos conjugais e públicos. Este ponto, portanto, merece mais comentários.

2.5 - Relações entre cônjuges

Do nosso ponto de vista havia, isto sim, graves desigualdades na ava-

liação dos gêneros na Antigüidade: a mulher era considerada criatura secundária, feita em prol do homem (Gn 2). A aparente igualdade de Gn 1.27 (“Homem e mulher os criou”) decerto não pode ser entendida no sentido das nossas declarações dos direitos humanos (o autor do escrito sacerdotal só estava interessado na distinção dos dois sexos). Assim, não é de se estranhar que leiamos muitas passagens na Bíblia falando da mulher como um anexo do homem, uma figura dependente do homem, até uma companheira inclinada à infidelidade para com Javé e sedutora do homem ingênuo. O clímax dessa tradição machista aparece, p. ex., em Zc 5.5-11; Ez 16 e 23 e outras passagens (cf. também 1Tm 1.8-15), onde a figura feminina aparece como personalização do mal em si. Por outro lado, temos que admitir que enxergamos a Bíblia pelos óculos dos séculos passados, que pregavam a dominância absoluta do homem sobre a mulher (patriarcado moderno). A realidade antiga não era bem assim. Carol Meyers e outras exegetas feministas nos ensinam que havia, durante grande parte da história, e principalmente no meio agrário, uma divisão mais equilibrada das tarefas e da valorização de homem e mulher. A área da procriação era responsabilidade da mulher; a da proteção, do homem. Na área da produção os dois dividi-

am entre si os afazeres. O resultado era a dominação de mulheres dentro de casa (crianças; comida; culto doméstico; cf. 1Sm 25; Pv 31.10-31; Gn 29-31) e a posição mais forte do homem nas relações da família para fora (cf. Rt 4). A partir deste último fato desenvolveu-se – por causa da crescente importância do setor público para a vida do grupo íntimo – a predominância dos “chefes” de família até a nossa época (cf. os códigos civis de muitos países ocidentais, nos quais aconteceram revisões no pós-guerra que favoreceram as mulheres). Portanto, podemos constatar que o patriarcalismo moderno não tem base nas Escrituras, mas vemos as desvantagens das mulheres em sistemas patrilineais e percebemos a absoluta necessidade hoje de corrigir tais marginalizações por causa do sexo (da raça; da religião; da orientação sexual; da idade; de deficiências físicas ou mentais, etc.) e procurar igualdade abrangente diante da lei e na concorrência profissional. Os tempos e as condições de vida mudaram de tal maneira, que, p. ex., é um direito humano que todas as pessoas adquiram uma educação completa e entrem no mercado de trabalho livremente. Isto exige uma cooperação nova entre homem e mulher em casa, para que as mulheres não estejam duplamente encarregadas de tarefas domésticas e fora de casa.

2.6 - Religião e educação

Nas famílias israelitas havia uma divisão de trabalho bastante interessante. A mulher dava à luz as crianças, os portadores do nome da família e, por isso, o patrimônio mais importante do grupo, e cuidava delas até o desmame (aos 3 anos de idade). As filhas ficavam sob seu comando até casar. Assim, a mulher tinha muita responsabilidade para com os descendentes em termos de educação secular e religiosa. Além disso, acho eu, as donas de casa antigamente (antes de isto ser proibido na época exílica) eram quem de fato cuidava também do culto doméstico. Deduzo isso do fato de que Raquel e Micol manipulavam com facilidade e sem restrições os assim chamados *terapim* (estátuas sagradas da casa; cf. Gn 31.31-35; 1Sm 18.11-16). A mãe de Mica, por outro lado, era a verdadeira chefe da capela no seu terreno, mesmo empregando um sacerdote para o serviço do culto (Jz 17.1-5). E famosas eram aquelas mulheres que eram donas de um “espírito” de defunto (1 Sm 28), também um tipo de culto dedicado aos grupos familiares. Quer-me parecer, neste sentido, que o papel da mulher na vida espiritual doméstica era crucial para a sobrevivência do pequeno grupo. O homem, por sua vez, se dedicava à educação dos filhos com mais de 3 anos de idade e ao culto sacrificial nos santuários lo-

cais (cf. 1 Sm 9.11-13) ou regionais, para onde famílias às vezes faziam peregrinações (cf. 1Sm 1). – Em nossos tempos, a religião e a educação em grande parte se transferiram para a responsabilidade de organizações maiores, a cidade, o estado, a federação de estados e às igrejas. A família fica esvaziada dessas funções e de muitas outras. Isso nos leva à relação existente entre as famílias e sociedade em geral.

2.7 - Importância da família

Desde os primórdios (um ou dois milhões de anos atrás? Ou seriam quatro milhões?), os seres humanos convivem socialmente em grupos, como os nossos semelhantes, os macacos. Ao longo do tempo, desenvolveram-se grupos de convivência, ligados por laços de sangue, de tarefas comuns, de moradia, amizade, costumes, etc. Quando começou a tradição por escrito no Oriente Médio (no 4º milênio a.C.), já existia a forma familiar como entidade pequena da sociedade. Quer dizer, já havia um homem e uma ou mais mulheres convivendo sob o mesmo teto com alguns outros membros do grupo. Ao mesmo tempo, já existia uma sociedade maior, de aldeia, tribo, cidade, nação, império, etc. Sem dúvida, a família era, naquela época, o fundamento milenar das outras formas de organização social. Ela, na verdade,

alimentava o ser humano, sustentando-o com quase todos os bens necessários. As entidades “superiores” apenas providenciavam melhor proteção contra inimigos, talvez uma segurança mais forte diante da lei, e alguma cultura além da caseira, bem como um certo intercâmbio de mercadorias. Hoje em dia, a família fica muito restrita nas suas funções. Quase tudo que antigamente pertencia aos grupos de subsistência agora está sendo providenciado por organizações maiores (trabalho; cultura; religião; prazer; segurança; abrigo emocional, etc., etc.; daqui a pouco também: procriação?). Mesmo assim, a família, por via de regra, ainda tem importantes funções de nutrição física e espiritual, porque a sociedade em geral muitas vezes se mostra desinteressada no destino da pessoa individual. Revela-se fria e estéril quanto aos desejos básicos das pessoas por carinho, atenção, compreensão, conforto. As muitas tentativas feitas nas sociedades modernas de criar núcleos de ajuda mútua e de bem-estar humano, grupos de pessoas aflitas e perseguidas, que poderiam providenciar calor humano são bem importantes, mas não conseguiram substituir completamente a família.

2.8 - Novas formas de convivência

Não é de estranhar que em nossos tempos surjam – com urgência –

questões como as seguintes: a família tradicional voltada para o homem-chefe está ultrapassada; como ela tem que ser reestruturada conforme os direitos humanos vigentes? A ordem de Deus: “Multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a!” (Gn 1.28) está demasiadamente comprometida, ao ponto de o crescimento humano estar destruindo a criação; não estará na hora de invertê-la? Podemos imaginar a família futura que tenha perdido até a função de procriação para uma fábrica biogenética? O individualismo moderno é compatível com os valores familiares que herdamos? Já nos centros metropolitanos temos de 20 a 30% (ou mais) das moradias ocupadas por um adulto só! Surgem em todos os países novas formas de convivência: repúblicas de famílias ou solteiros e solteiras; cooperativas e condomínios; comunidades religiosas e políticas; matrimônios de pessoas do mesmo sexo; aldeias e assentamentos de idosos, etc. Como avaliar tais empenhos de satisfazer os desejos humanos por companhia e amor? (Ou deveríamos aceitar essa tendência de isolar-se um do outro até ficarmos morando todos como nômades [Leibniz], sem contatos pessoais, ligados um ao outro apenas por internet?). São inumeráveis os problemas, e ninguém tem respostas prontas e certas ainda. Precisamos de muitos estudos, muitas reflexões, muitas discussões entre

nós. Alguns fatos, porém, deveriam ser apreciados: a Bíblia não contém modelos eternos e exclusivos para a nossa convivência hoje. Nem Gn 1 e 2 permitem a conclusão de que deveria existir apenas o matrimônio heterossexual e monogâmico. A palavra de Deus, através dos narradores antigos, só conta histórias selecionadas, referentes aos contextos e costumes vigentes na época antiga, não padrões eternos, exclusivos e detalhados. A pergunta candente, que irrita muitos cristãos, é a respeito do matrimônio de pessoas do mesmo sexo. Alega-se que a Bíblia não permite tais uniões. Um estudo mais atento de Lv 18 e 20 revela, no entanto, que os textos bíblicos não falam de ligações de amor permanente, mas de atos de profanação do sagrado, localizado no templo ou numa comunidade santa. Nós nem conhecemos mais tais idéias do sagrado materializado, e não as mantemos como orientação no dia-a-dia. Se ainda aderíssemos a tais conceitos do sagrado, não poderíamos comer porco, nem tocar uma mulher menstruante, nem chegar perto de bichos rasteiros como aranhas ou vermes, nem mesmo beijar o corpo morto dos nossos defuntos. Tudo isso e mais fica interditado absolutamente nas leis de pureza-impureza do livro de Levítico (cf. Lv 11-15; 18; 20; 21). Quem quer obedecer literalmente os mandamentos de outrora não pode escolher so-

mente a proibição de atos sexuais ou homossexuais. Seria uma vaidade incrível pegar arbitrariamente só uma prescrição das leis do Levítico. Por outro lado, antes de ficarmos presos a exortações temporárias transformadas em leis eternas, temos que julgar os empenhos humanos de realizar relações de amor na terra com os olhos de Deus e de Jesus mesmo. A ques-

tão fundamental hoje diante de Deus e dentro de um mundo perturbado e ameaçado de suicídio coletivo não é como proteger a santidade de Deus num templo principal não existente, mas sim como proteger aquele amor que Ele nos deixou e como proteger a boa criação santa da destruição iminente.

Bibliografia

- ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FISCHER, Irmtraud. *Gottesstreiterinnen*. 2. ed. Stuttgart, 2000.
- GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Mulher e homem*. São Leopoldo: Sinodal, 1981. [original alemão: *Frau und Mann*. Stuttgart: Kohlhammer, 1980].
- GERSTENBERGER, Erhard S. *Jahwe – ein patriarchaler Gott?* Stuttgart, 1988. [versão em inglês: *Yahweh the Patriarch*. Minneapolis, 1996].
- _____. *Das Dritte Buch Mose: Leviticus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. (Das Alte Testament Deutsch, 6). [versão em inglês: *Old Testament Library*, St. Louis, 1996].
- _____. Sexualidade, homossexualismo e convivência humana. *Estudos Teológicos*, v. 38, n. 2, p. 109-129, 1998. [também *Estudos Teológicos*, v. 39, n. 1, p. 5-26, 1999].
- _____. *Theologien im Alten Testament*. Stuttgart, 2001. [versão em inglês: *Theologies in the Old Testament*. Minneapolis, 2002].
- MEYERS, Carol. *Discovering Eve*. Oxford, 1988.
- PERDUE, Leo G. (Ed.). *Families in Israel*. Minneapolis, 1997.
- THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- TOORN, Karel van der. *Family Religion in Babylonia, Syria and Israel*. Leiden, 1996.
- VAUX, Roland de. *Instituciones del Antigo Testamento*. Barcelona, 1976. p. 49-101.

Ehrhard S. Gerstenberger

Fasanenweg 29

D - 35394 Giessen

Alemanha

gersterh@mail.uni-marburg.de